

## A política na berlinda



Além de ser considerado o maior tributarista do Brasil, com reputação internacional, o advogado Ives Gandra Martins também é um cientista político, formulador de idéias, sempre atento aos problemas mundiais, principalmente os que afetam o Brasil. Não é por acaso que seu escritório em São Paulo é um endereço freqüentado por empresários de peso, muitos conhecidos no cenário político brasileiro, que procuram ouvir suas opiniões a respeito da conjuntura nacional.

Com muitos livros de análises políticas publicados, Ives Gandra Martins ultimamente vem se dedicando aos estudos do comportamento dos homens públicos e o jogo pela conquista e manutenção do poder.

Lamentavelmente, ele constata que a grande maioria dos políticos não está interessada no povo, mas sim em usá-lo unicamente como degrau para alcançar seus objetivos.

Mais do que nunca está convencido de que a função maior do político é atingir o adversário que procura o poder, buscando mostrar ao seu leitor, nos regimes democráticos, que ele é bom e o outro é mau.

É por isso mesmo que a política está mesmo na berlinda.

**- A impressão que se tem da classe política é a de que ela está se exaurindo, perdendo credibilidade. O senhor concorda com esta visão?**

- Ao longo da história o político sempre foi inconfiável. Isso em todos os períodos históricos, em todos os espaços geográficos. O político quer o poder e raramente tem uma visão de estadista. O mundo abunda em políticos e carece de estadistas e o político não tem preocupação com o povo que representa, mas com sua manutenção no poder, que poderá, inclusive, se dar pela falsa impressão que transmite um ser humano interessado no povo.

**- Existe de fato este interesse?**

- O político na maioria dos casos não está interessado no povo. O povo é apenas o degrau necessário para assumir o poder, por isto sua função maior é mostrar a seu eleitor nos regimes democráticos que ele é bom e que o outro é mau, para que possa obter sua indicação.

**- Qual é o nível dos políticos nos dias de hoje?**

- O mundo é feito de políticos sem visão dos problemas mundiais, com pequena visão dos problemas locais e com pouca vontade ética de solucionar tais problemas, especialmente se implicarem em perda de poder.

**- E quanto ao burocrata?**

- O burocrata não tem perspectiva maior. Chamado de servidor público, normalmente presta concurso para ter a segurança no trabalho mais do que para servir, razão pela qual na maior parte das vezes o público mais do que o serve. É exceção o burocrata voltado ao serviço do povo e que o sustenta, visto que ambiciona o poder tanto quanto o político.

**- Como o movimento sindical funciona na engrenagem do poder?**

- Tem sido fraco perante o desemprego e sua força de reação débil nas crises econômicas. Apenas o protesto violento contra as instituições esclerosadas pode levar alguma reflexão aos poderosos, mas tal protesto terminaria por germinar mais problemas que soluções, bem como o enfraquecimento das instituições no mundo inteiro. É remédio mais amargo que a manutenção desse quadro kafkiano.

**- Como o senhor explicaria este quadro kafkiano?**

- É que a humanidade principia em perceber que a frouxidão moral dos políticos e burocratas não tem visão de estadistas. A ignorância de questões antecipatórias por parte dos detentores do poder torna-nos inaptos para enfrentar as tensões políticas e sociais.

**- Temos uma América Latina conturbada, com movimentos militares para derrubar o coronel Hugo Chávez, na Venezuela, enquanto que na Argentina o caos econômico é uma ameaça à estabilidade política. Os ditadores podem voltar?**

- A ditadura não é nunca o melhor regime, mas os tristes políticos e burocratas do mundo subdesenvolvido terminam pondo em risco a estabilidade das instituições que, por outro lado, nunca mereceram nem merecem dos países desenvolvidos, maior consideração, a não ser que seus próprios interesses sejam prejudicados. Parece-me, pois, que neste século as tensões sociais tenderão a crescer e a pressionar as instituições, sendo que o comportamento político dos detentores do poder demonstra incapacidade para enfrentar tal desafio, o que torna o Estado Democrático de Direito uma incógnita para os países menos desenvolvidos no futuro.

**- E quanto aos marginalizados socialmente?**

- A sociedade do final do século XX foi criando cada vez mais grupos de marginalizados que têm conhecimento de seus direitos e uma noção razoável do que ocorre no mundo. Estes grupos de marginalizados tendem a se unir para contestar a ordem vigente e são revoltados contra aqueles que

conseguem sobreviver com dignidade e excessos em uma sociedade com desníveis sociais acentuados.

**- Como esses grupos são diferenciados?**

- A diferença reside no estilo de vida e posses e não no conhecimento que é atingido, pois um maior número de pessoas tem mais facilidade de acesso a estudo, informação e cursos dos mais variados - não só a domicílio como aqueles mantidos por sociedades beneméritas ou pelos governos. As pessoas sem emprego, os lavradores sem terra, a população marginal das grandes cidades sem teto estável, os índios, os nativos de continentes não-evoluídos, as populações que vivem na Ásia à beira dos rios, dos mares, em barco ou nas praias, os meninos de rua, todos formam grupos de marginalizados contestatórios que criam sua própria economia de subsistência, mas que sabem haver uma inata justiça na estrutura social, na estrutura das nações e, dentro destas, na estrutura das castas sociais.

**- A perfeita tradução de tudo isso pode significar que vivemos em um mundo injusto?**

- Sim. A igualdade, a fraternidade e a liberdade, os três lemas da revolução francesa, levaram a um dos maiores banhos de sangue da história, que Kant saudou como princípios que ultrapassaram seus idealizadores. Estes eram considerados por ele como incapazes de visualizar pela sua perspectiva pequena e mesquinha, o impacto dessas ideias sobre o futuro dos povos. Eles continuam sendo princípios distantes para a grande maioria dos cidadãos do mundo, visto que o desequilíbrio estrutural tende a crescer. No passado, os marginalizados não tinham uma noção de conjunto sobre o mundo, nem cultura, nem conformação ou conhecimento capazes de permitir contestações mais violentas.

**- Politicamente como eram esses grupos?**

- Os grandes romancistas desta época, que retrataram a vida marginal da sociedade, como Dickens e Zola, descrevem mais o estilo de vida do marginalizado e menos o seu poder contestatório, que era pequeno à época - salvo na formação das *trade unions* como caminho de autoproteção. Mesmo a França, solo permanente das grandes revoluções humanas, sempre foi um ponto referencial mais do que aglutinador de movimentos semelhantes no resto da Europa e nos Estados Unidos.

**- Qual desses grupos pode causar mais problemas?**

- Talvez de todos os grupos de descontinuidade, o crescente grupo dos marginalizados, que poderá causar mais problemas à ordem institucional futura de todas as nações. Não há compromisso com a ordem injusta. Sua esperança de mudança de vida está reduzida e sua revolta aumenta na mesma proporção em que se conscientiza dos níveis sociais.

**- Isso pode favorecer o surgimento de grupos radicais?**

- Não se trata de reproduzir a história. O certo é que a maior parte dos grupos radicais representando ambições pessoais está mais preparada para contestar do que para criar soluções. Por exemplo, destruir do que construir, agredir do que pacificar. E assim crescem com força e objetivos populistas na contestação, embora muitas vezes válidos como uma luta contra a corrupção.

**- Como o senhor vê a aplicação de recursos e como vê o Estado?**

- O Estado é um mau administrador de recursos, um mau gerenciador empresarial e um mau distribuidor de riquezas. Sobre ser um péssimo prestador de serviços públicos, com parte dos tributos que tira da sociedade, parte deles morre nas mãos dos políticos e dos burocratas. Isso está nas mãos dos detentores do poder.

**- Como assim?**

- O Estado sempre arrecada mais do que necessita para servir à sociedade e impõe encargos sociais mais elevados do que o necessário para atender as demandas.